

Corbusier enuncia claramente a seguinte alternativa: a arquitectura — ler: a programação e a reorganização planificada da produção de edifícios e da cidade como organismo produtivo — deve sobrepor-se à revolução.

Entretanto, e precisamente a partir dos círculos mais politicamente empenhados — da *Novembergruppe* às revistas «Ma» e «Vešč» e ao *Ring* berlinense — a ideologia arquitectónica ganha precisão técnica. Aceitando com lúcida objectividade todas as conclusões sobre a «morte da aura» e sobre a função puramente «técnica» do intelectual, enunciadas apocalipticamente pelas vanguardas, a *Neue Sachlichkeit* centro-europeia adequa o próprio método de planificação à estrutura, idealizada, da cadeia de montagem. As figuras e os métodos do trabalho industrial entram na organização do projecto e reflectem-se nas propostas de consumo do objecto.

Do elemento padronizado à célula, ao bloco singular, à *Siedlung*, à cidade: esta é a cadeia de montagem implantada com excepcional clareza e coerência pela cultura arquitectónica de entre as duas guerras. Cada «pedaço» é completamente resolvido em si e tende a desaparecer, ou melhor, a diluir-se formalmente na montagem.

Tudo isto revoluciona a própria experiência estética. Agora, já não são *objectos* que se apresentam à apreciação, mas sim um *processo*, a viver e a fruir enquanto tal. O fruidor, chamado a completar espaços «abertos» de Mies van der Rohe ou de Gropius, é o elemento central desse processo. A arquitectura, chamando o público a participar na planificação, dado que as novas formas já não pretendem ser valores absolutos mas propostas de organização da vida colectiva — a *arquitectura integrada* de Gropius — faz com que a ideologia do público dê um salto em frente. O sonho do socialismo romântico de Morris — uma arte feita por todos para todos — toma forma ideológica no interior das leis férreas da mecânica do lucro. Também sob este aspecto, a cidade é o último termo de comparação para a verificação das hipóteses teóricas.

V

ARQUITECTURA «RADICAL» E CIDADE

«A arquitectura da grande cidade» — escreve Hilberseimer⁽⁶³⁾ — «depende essencialmente da solução dada a dois factores: a célula elementar e o conjunto do organismo urbano. O simples espaço vazio como elemento constitutivo da habitação determinar-lhe-á o aspecto, e na medida em que as habitações formam, por sua vez, os quarteirões, o espaço vazio tornar-se-á um factor de configuração urbana, aquilo que representa a verdadeira finalidade da arquitectura; reciprocamente, a estrutura planimétrica da cidade terá uma influência substancial no projecto da habitação e do espaço vazio».

A grande cidade é portanto uma verdadeira unidade. Fazendo uma leitura do autor para além das suas próprias intenções, podemos traduzir as suas afirmações nesta outra: o conjunto da cidade moderna é, na sua estrutura, uma enorme «máquina social». Hilberseimer selecciona — contrariamente ao que fazem muitos teóricos alemães entre 1920 e 1930 — este último aspecto da economia urbana, isolando-o para poder analisá-lo e tratar resolver separadamente as suas componentes. O que escreve sobre as relações entre a célula e o organismo urbano é portanto exemplar, pela lucidez da exposição e a essencialidade a que os problemas são reduzidos. A célula não é apenas o primeiro elemento da cadeia de produção contínua que tem a sua resultante na cidade, mas também o elemento que condiciona a dinâmica dos agregados de construções. O seu valor de *tipo* permite que seja analisada e solucionada em abstracto. A célula construída, nesta acepção, representa a estrutura de base de um programa produtivo, da qual é excluída qualquer componente tipológica ulterior. Agora, a unidade construída não é mais um «objecto». É apenas o lugar em que a montagem elementar das células individuais assume forma física. Estas últimas, enquanto elementos reprodutíveis ao infinito, encarnam conceptualmente as estruturas primeiras de uma cadeia de produção, que prescindem do antigo conceito de «lugar» e de «espaço». Coerentemente com os pressupostos que assume, Hil-

(63) Ludwig Hilberseimer, *Grossstadtarchitektur*, cit., Cfr. G. Grassi, Introdução à edição italiana de *Entstaltung einer Planungs-idee*, Ullstein Bauwelt Fundamente, Berlim 1963 (*Un'idea di piano*, Marsilio, Pádua 1967).

berseimer coloca como segundo termo do seu teorema a globalidade do organismo citadino: a conformação da célula predispõe as coordenadas de planificação do conjunto urbano; a estrutura da cidade, ditando as leis de montagem da célula, poderá deformar a tipologia desta última⁽⁶⁴⁾.

Na articulação férrea do plano de produção desaparece a dimensão específica da arquitectura, pelo menos na sua acepção tradicional. O objecto arquitectónico considerado como «excepcional» relativamente à homogeneidade da cidade dissipou-se completamente.

Tendo que «modelar grandes massas segundo uma lei geral, dominando a multiplicidade» — escreve Hilberseimer — «[...] o caso geral, a lei, ganham relevo e evidência, enquanto a excepção se vê posta de parte, os matices se apagam, impera a medida que obriga o caos a transformar-se em forma lógica, unívoca, matemática»⁽⁶⁵⁾.

E mais ainda: «a exigência de modelar uma massa heterogénea e frequentemente gigantesca de materiais segundo uma lei formal igualmente válida para cada elemento, comporta uma redução da forma arquitectónica à sua exigência mais sóbria, mais necessária, mais geral: isto é, uma redução às formas geométricas cúbicas, que representam os elementos fundamentais de qualquer arquitectura»⁽⁶⁶⁾.

Estas posições não equivalem a um simples «manifesto» purista. As considerações de Hilberseimer sobre a arquitectura da Grossstadt, perfeitamente em consonância com observações análogas formuladas por Behrens em 1914⁽⁶⁷⁾, constituem uma dedução lógica extraída de hipóteses que se confinam obstinadamente a uma elaboração conceptual de laboratório. Não apresentando «modelos» para o projecto mas situando as coordenadas e as dimensões do próprio projecto ao nível mais abstracto possível, por ser o mais geral, Hilberseimer revela, mais do que Gropius, Mies ou Bruno Taut o fizeram nesses mesmos anos, quais são as novas tarefas a que a fase de reorganização produtiva chama os arquitectos.

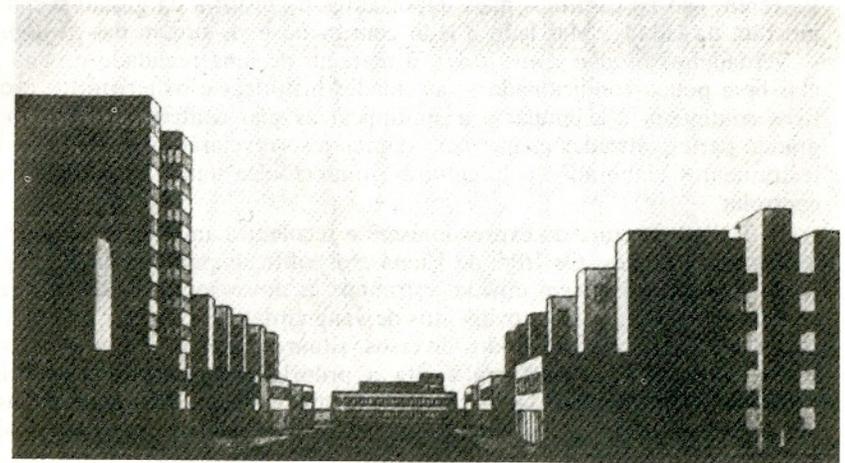
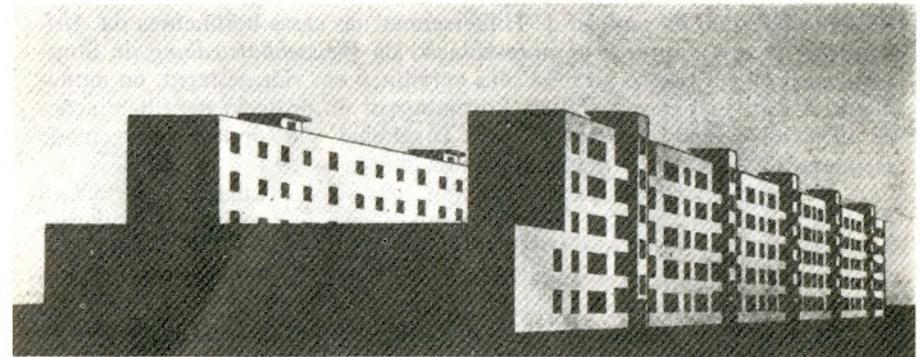
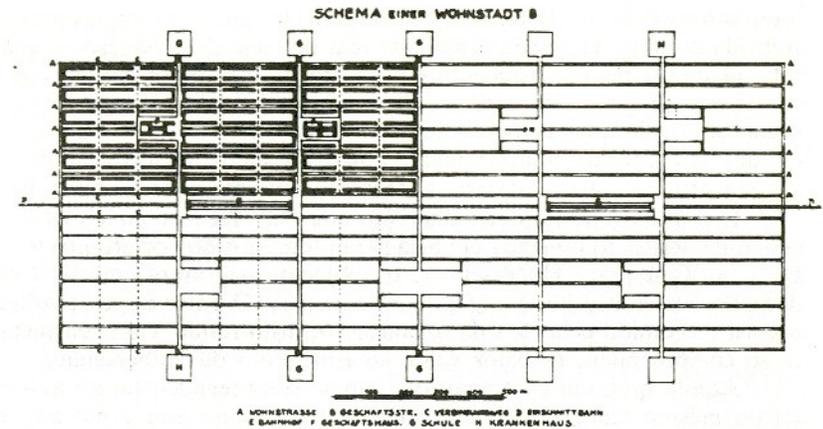
A «cidade-máquina» de Hilberseimer, imagem da Grossstadt de Simmel, capta, é certo, apenas aspectos marginais da nova função atribuída pela reorganização capitalista às grandes concentrações de trabalho terciário. Em todo o caso, acontece que perante a actualização das técnicas de produção e a expansão e racionalização do mercado, o arquitecto produtor de «objectos» passa a ser uma figura inadequada. Já não se trata agora de dar forma

⁽⁶⁴⁾ Daqui o esquema de «cidade vertical» que, segundo Grassi (*op. cit.*, p. 10) se coloca como alternativa teórica da «cidade para três milhões de habitantes» apresentada por Le Corbusier em 1922 no Salon d'Automne. De notar ainda que — mau grado o notório rigor de Hilberseimer e de todos os grupos intelectuais «radicais» daí em diante — a autocritica feita pouco depois da sua ida para os EUA o aproximaria dos mitos comunitários e naturalistas que não serão dos últimos ingredientes ideológicos do *New Deal*.

⁽⁶⁵⁾ L. Hilberseimer, *op. cit.*, p. 21.

⁽⁶⁶⁾ *Ibid.*

⁽⁶⁷⁾ Cfr. Peter Behrens, *Einfluss von Zeit und Raumaussnutzung auf Moderne Formentwicklung*, in *Der Verkehr*, Jahrbuch des Deutschen Werkbundes 1914, Eugen Diederichs Verlag, Iena 1914, pp. 7-10.



13 — Ludwig Hilberseimer, ilustrações do volume *Grossstadtarchitektur*, Stuttgart 1927.

a elementos isolados do tecido citadino nem, no limite, a simples protótipos. Individualizando na cidade a unidade real do ciclo de produção, a única tarefa adequada para o arquitecto é a da organização desse mesmo ciclo. Levando esta proposta ao extremo, a actividade de elaborador de modelos de organização, da qual Hilberseimer faz questão de não se desviar, é a única em que se conjugam completamente a necessidade de taylorização da produção construtiva e a nova tarefa do técnico, nela integrado ao nível máximo.

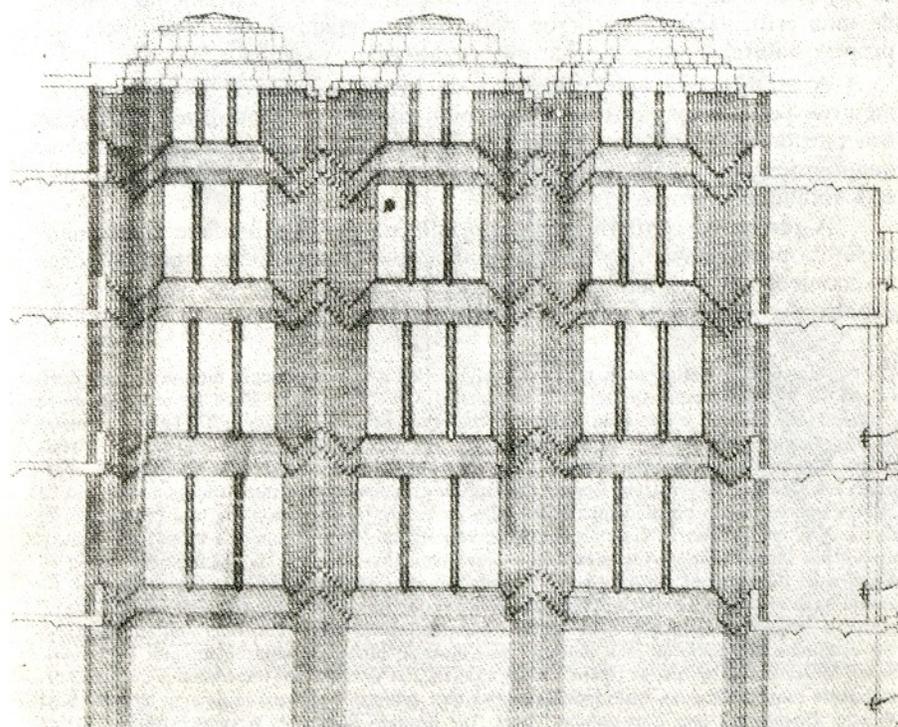
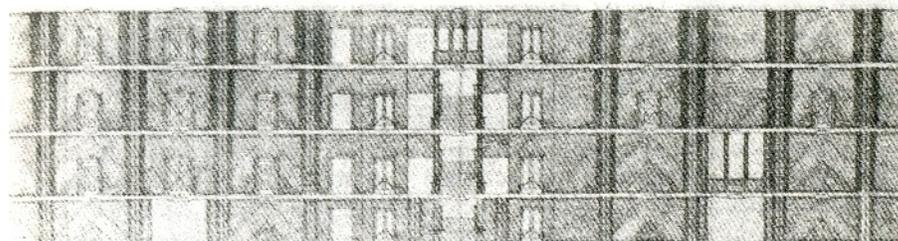
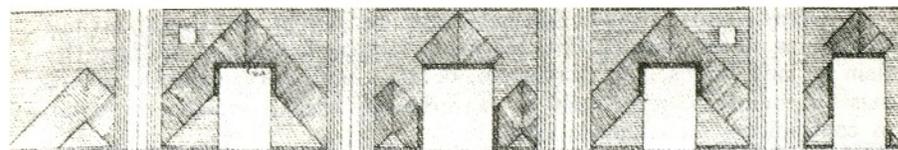
É com base neste posicionamento que Hilberseimer pode evitar envolver-se na «crise do objecto» enunciada em tom ansioso por arquitectos como Loos ou Taut. Para Hilberseimer, o «objecto» não entra em crise: este já desapareceu do seu horizonte de considerações. O único imperativo que sobressai é o ditado pelas leis da organização; nisto reside, como correctamente se compreendeu, o maior valor do contributo de Hilberseimer.

Aquilo que, em contrapartida, não se compreendeu foi a renúncia total do mesmo Hilberseimer em considerar a arquitectura como um instrumento de conhecimento. Até Mies van der Rohe diverge sobre este tema. Bastante próximo da posição de Hilberseimer nas casas berlinenses da *Afrikanische Strasse* e incerto na apresentação da *Weissenhofsiedlung* de Stuttgart, no projecto para o arranha-céus curvilíneo em vidro e ferro, no monumento a Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, no projecto para habitações de 1935, e no fundo também na casa Tugendhat, ele sonda as margens de recuperação de que a arquitectura ainda dispõe.

Não nos interessa aqui acompanhar, nas suas articulações internas, a dialéctica, que, em tais bases serpenteia no interior do movimento moderno. Interessa sobretudo sublinhar que uma boa parte das contradições e dos obstáculos com que este se depara nascem da tentativa de separar propostas técnicas e fins cognitivos.

A Frankfurt planificada de Ernst May, a Berlim administrativa de Martin Wagner, a Hamburgo de Fritz Shumacher, a Amsterdão de Cor van Eesteren, são os capítulos mais importantes da história da gestão social-democrata da cidade. Mas lado a lado com os oásis de ordem das *Siedlungen* — verdadeiras *utopias construídas*, à margem de uma realidade urbana por elas bem pouco condicionada — as cidades históricas e os territórios produtivos continuam a acumular e a multiplicar as suas contradições. E são em grande parte contradições que bem depressa se revelarão mais decisivas dos instrumentos elaborados pela cultura arquitectónica numa tentativa para as controlar.

É a arquitectura do expressionismo a recolher a ambígua vitalidade daquelas contradições. Os *Höfe* de Viena e os edifícios públicos de Poelzig ou de Mendelsohn são, sem dúvida, estranhos às novas metodologias de intervenção elaboradas pelos movimentos de vanguarda. Mas, apesar de estas experiências recusarem, de modos diversos, situar-se dentro de novos horizontes descobertos pela arte que aceita a própria «reprodutividade técnica» como meio para influenciar o comportamento humano, eles parecem assumir um valor crítico precisamente quanto aos desenvolvimentos das modernas cidades industriais.



14 — Peter Behrens, vistas do hall central dos serviços administrativos da Hoechst, em Frankfurt, 1920-1928.

Obras como a Grosses Schauspielhaus em Berlim, de Poelzig, a Chilehaus ou as outras obras de Fritz Höger, as fábricas berlinenses de Hans Hertlein ou dos Paulus, não constituem, decerto, uma nova realidade urbana, mas testemunham, recorrendo às exacerbações formais repletas de pathos, as contradições da realidade operante.

Os dois pólos do expressionismo e da *Neue Sachlichkeit* simbolizam de novo a cisão imanente na dialéctica da cultura europeia.

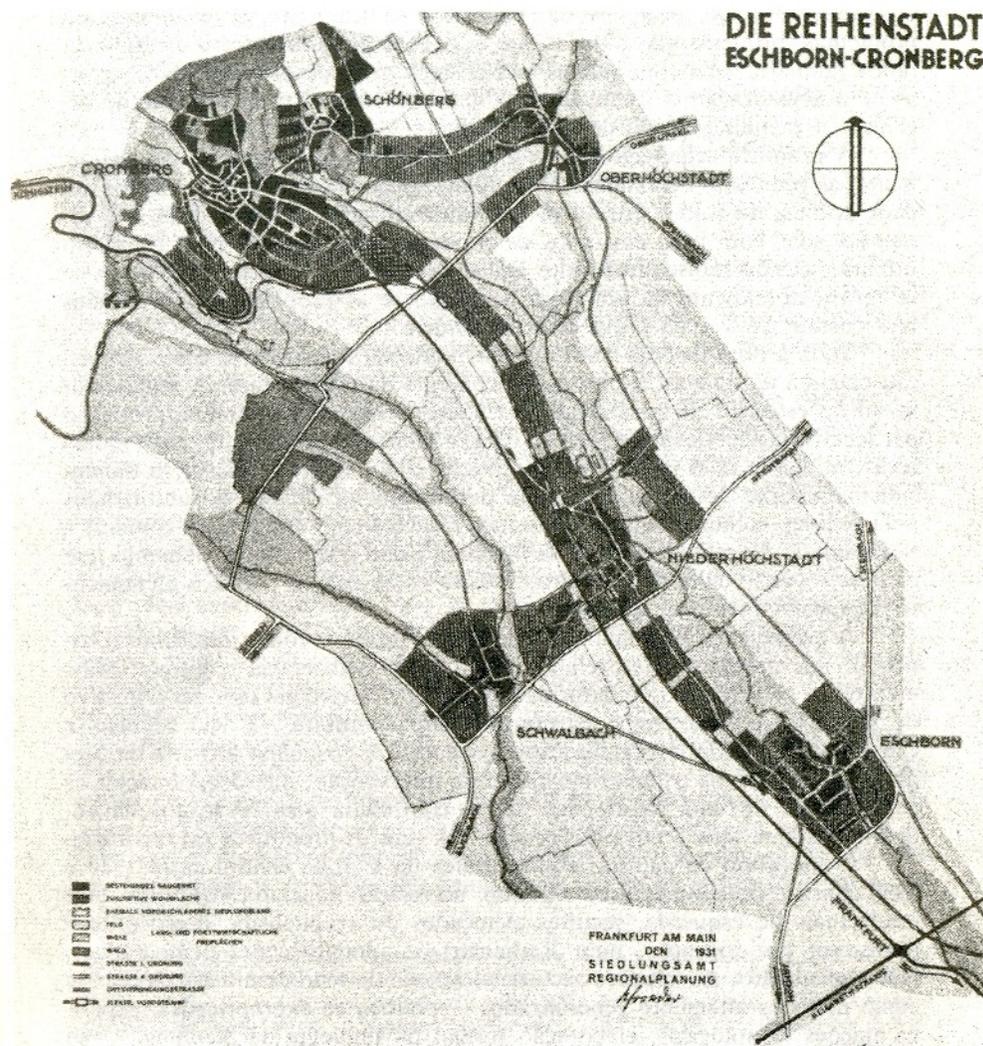
Entre a destruição do *objecto* e sua substituição por um *processo* de viver como tal, operada pela revolução artística do Bauhaus e pelas correntes construtivistas, e a exacerbação do *objecto* própria do ambíguo eclectismo expressionista não há possibilidade de diálogo.

Mas não nos deixemos confundir pelas aparências. Trata-se de uma dialéctica entre intelectuais que reduzem o próprio potencial ideológico à instrumentalização de programas avançados por um sistema produtivo em via de reorganização, e intelectuais que dão resposta às «necessidades secundárias» da burguesia europeia. O subjectivismo de Häring ou Mendelsohn assume sem dúvida, neste sentido, um certo significado crítico relativamente ao taylorismo de Hilberseimer ou de Gropius. Mas, objectivamente, trata-se de uma crítica feita a partir de posições retrógradas e, portanto, pela sua própria natureza, incapazes de propor alternativas globais⁽⁶⁸⁾.

A arquitectura autopublicitária de Mendelsohn é criação de «monumentos» persuasivos ao serviço do capital comercial; o intimismo de Häring tira partido das tendências tardo-românticas da burguesia alemã. Todavia, quem apresenta a dialéctica da arquitectura de 1900 como ciclo unitário não está totalmente errado.

A recusa da contradição, como premissa de objectividade e racionalização da programação, revela a parcialidade do seu propósito, precisamente no momento de máxima tangência com as estruturas do poder político. A experiência centro-europeia dos arquitectos social-democratas tem como

⁽⁶⁸⁾ Neste sentido, consideramos muito discutível a leitura, recentemente reproposta por Zevi, de um Mendelsohn «expressionista» e contestatário. Cfr. Bruno Zevi, *Erich Mendelsohn, opera completa. Architettura e immagini architettoniche*, Etas Kompass, Milão 1970. Toda a primeira produção de Mendelsohn se situa sob o signo de uma aceitação nietzscheana do real. Não seria difícil demonstrar que tanto as *collages* à escala urbana (a renovação da sede do «Berliner Tageblatt» em Berlim e os armazéns Epstein em Duisburg), como as suas intervenções no coração da Berlim terciária estão profundamente imbuídas da cultura sociológica alemã dos primórdios do século XX, em relação ao comportamento metropolitano. Os instrumentos formais específicos usados por Mendelsohn — que aliás Zevi lê correctamente — tendem claramente para aquela *intensificação do estímulo sensorial* sobre a «vida nervosa» (*Nervenleben*) que Georg Simmel, no ensaio atrás invocado, reconhece como efeito típico da Grossstadt sobre o «indivíduo metropolitano». E convém não esquecer que, tanto para Simmel como para Mendelsohn, tal intensificação dos estímulos não passa de uma condição para alcançar uma racionalidade superior (*Verstand*). Sobre Mendelsohn, no que se refere a estes aspectos, há dois ensaios interessantes que são normalmente esquecidos pelos historiadores que se têm debruçado sobre o arquitecto alemão: Karl Weidle, *Goethehaus und Einsteinurm. Zwei Pole heutiger Baukunst*, Wissenschaftlicher Verlag Dr. Zaugg u. Co., Stuttgart 1929, e Werner Hegemann, «Mendelsohn und Hoetger ist «nicht» fast Ganz Dasselbe? Eine Betrachtung Neudeutscher Baugesinnung», «Wasmuths Monatshefte für Baukunst», XII, 1928, heft, 9, pp. 419-26.



15 — Plano regional do sistema Eschborn-Cronberg, 1931.

condição própria respeitar a unificação entre poder administrativo e proposta intelectual. Neste sentido, não é fruto do acaso que May, Wagner ou Taut assumam cargos políticos na administração das cidades social-democráticas. Se agora é a cidade no seu conjunto que assume a estrutura de uma máquina industrial, nela deverão encontrar solução diversas categorias de problemas: primeiro que tudo, o que deriva do conflito entre o estatuto da renda fundiária, que com os seus mecanismos parasitários bloqueia a expansão e a actualização do mercado da construção civil, é a necessidade de organizar a máquina-cidade de modo global.

A proposta arquitectónica, o modelo urbano que com base nela se articula, as premissas económicas e tecnológicas que ela pressupõe — propriedade pública do solo e estruturas de industrialização da construção civil dimensionadas com base em ciclos de produção programados para o âmbito urbano — estão indiscutivelmente ligados entre si. A ciência arquitectónica integra-se totalmente na ideologia do plano, e as próprias opções formais não passam de variáveis que dela dependem.

Toda a obra de May em Frankfurt pode ser interpretada como expressão máxima de uma tal «politização» concreta da arquitectura. A industrialização do estaleiro de construção civil adere à unidade mínima de produção particularizada na *Siedlung*; dentro dela, o elemento primário do ciclo industrial conjuga-se com o núcleo dos serviços (a *Frankfurter Küche*); o dimensionamento das *Siedlungen* e a sua deslocação na cidade são autorizados pela política comunal sobre os terrenos directamente geridos em comum: a flexibilidade do modelo formal da *Siedlung* passa a ser aqui o elemento que confere o cunho cultural, que torna «reais» os objectivos políticos plenamente assumidos pela arquitectura.

A propaganda nazi fala dos bairros de Frankfurt como *socialismo construído*: nós devemos interpretá-los como social-democracia realizada. Mas, atenção: a coincidência de autoridade política e intelectual tem um objectivo de simples mediação entre estruturas e superestruturas. E isto reflecte-se claramente na própria organização da cidade. A economia fechada da *Siedlung* espelha-se na compartimentação da intervenção, que deixa intactas as contradições de uma cidade que não é controlada nem reestruturada enquanto sistema face à nova deslocação dos centros produtivos no território.

O utopismo da cultura arquitectónica da Europa central entre 1920 e 1930 consiste precisamente no seguinte: na relação fiduciária instituída entre intelectuais de esquerda, sectores avançados do «capitalismo democrático» (pense-se, por exemplo, num Rathenau), e administrações democráticas. Num tal quadro, as soluções sectoriais, apesar de tenderem a apresentar-se como modelos altamente generalizados — política de expropriações, experimentações tecnológicas, elaboração formal da tipologia da *Siedlung* — são boas provas da sua limitada eficiência⁽⁶⁹⁾.

⁽⁶⁹⁾ Não existe ainda um estudo completo sobre a história da gestão social-democrata das cidades europeias entre as duas guerras. Para uma análise do tema torna-se necessário recorrer às fontes, às recolhas das revistas «Das neue Frankfurt», «Die neue Stadt», «Die Form», etc. (Cfr. agora o

A Frankfurt de May, como a Berlim de Mächler e Wagner, tende, sem dúvida, a reproduzir o modelo de propriedade a nível social, a fazer com que a cidade assumia a «figura» de máquina produtiva, a concretizar na estrutura urbana e no mecanismo de distribuição e consumo a aparência da proletarianização geral (o interclassismo das propostas urbanísticas da Europa central é o objectivo continuamente proposto a nível teórico).

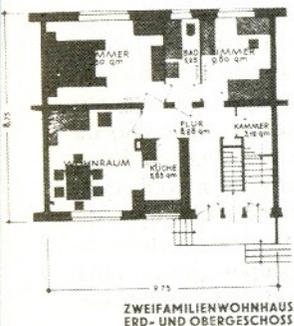
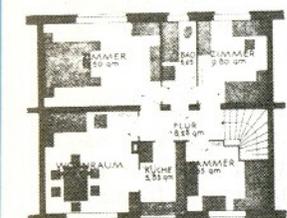
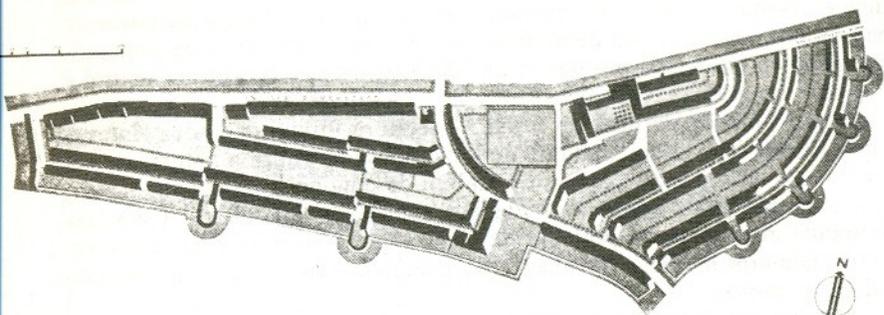
Mas a unidade da imagem urbana, metáfora formal da «nova síntese» proposta, sinal legível do exaltante domínio colectivo sobre a natureza e sobre os meios de produção, presos no âmbito de uma nova utopia «humana», não é realizada pelos arquitectos alemães nem pelos holandeses. Estes, estreitamente integrados em políticas de plano específicas a nível urbano e regional, elaboram modelos de integração generalizáveis, como o modelo da *Siedlung* o prova.

Mas tal constante teórica reproduz na cidade a forma desagregada da cadeia de montagem paleotécnica. A cidade mantém-se como um agregado de partes, unificadas funcionalmente ao nível mínimo; e mesmo dentro do «bloco» individual — o bairro operário — a unificação dos métodos não tarda a revelar-se um instrumento aleatório.

A crise, no terreno específico da arquitectura, explode em 1930 na Siemensstadt de Berlim. É incrível como a historiografia contemporânea não tenha ainda reconhecido, na famosa *Siedlung* berlinense planificada por Scharoun, o nó histórico no qual se evidencia uma das mais graves fracturas no seio do «movimento moderno».

O postulado da unidade metodológica do *design* nas suas diversas escalas dimensionais revela na Siemensstadt o seu próprio carácter utópico. Com base num desenho urbano (que se pretendeu, talvez correctamente, referir às deformações irónicas de um Klee), Bartning, Gropius, Scharoun, Häring, Forbat demonstram que a diluição do objecto arquitectónico no processo formativo do conjunto choca com as contradições do próprio movimento moderno. Contra Gropius e Bartning, que se mantêm fiéis à concepção da *Siedlung* como *cadeia de montagem*, colocam-se as alusivas ironias de Scharoun e o alardeado organicismo de Häring. Se, para usar o bem conhecido termo de Benjamin, na ideologia da *Siedlung* se consuma a «destruição da aura», tradicionalmente ligada ao «bloco» arquitectónico, os «objectos» de Scharoun e de Häring tendem, pelo contrário, para a recuperação de uma «aura», mesmo se condicionada pelos novos modos de produção e por novas estruturas formais.

volume *Die Form. Stimme des deutschen Werkbundes*, Bertelsmann Fachverlag, Berlim 1969). Consultar ainda: Justus Buekschmitt, *Ernst May*, A. Koch Verlag, Stuttgart 1963; Barbara Miller Lane, *Architecture and Politics in Germany, 1918-1945*, Harvard University Press, Cambridge (Mass.) 1968; Enzo Collotti, *Il Bauhaus nell'esperienza politico-sociale della Repubblica di Weimar*, «Controspazio», 1970, n. 4-5, pp. 8-15; Carlo Aymonino (organizado por), *L'abitazione razionale. Atti dei Congressi CIAM, 1929-1919*, Marsilio, Pádua, 1971; Manfredo Tafuri, *Socialdemocrazia e città nella Germania di Weimar*, «Contropiano», 1971, n. 1, pp. 207-23; M. Tafuri, *Austromarxismo e città: «Das rote Wien»*, «Contropiano», 1971, n. 2, pp. 259-311. Sobre os resultados da experiência alemã, ver o documentado volume de Marco De Michelis e Ernesto Pisaní, *La città sovietica 1925-1937*, Marsilio, Veneza, 1976.



SIEDLUNG RÖMERSTADT BAUHERR: MIETHEIM A. G.

Insgesamt	ZAHL DER WOHNUNGEN						Durchschnittswerte bei den Haupttypen für eine Wohnung				Einrichtungen z. Erleichterung d. Haushaltsführ. und Zentralanlagen	
	mit Raumzahl						Wohnfläche qm	Reine Baukosten RM	Gefamtkost. incl. Grundfl. u. Aufchließung RM	monetäre Mietbelastung RM		
	1	2	3	4	5	6					Zubehör je Wohnung	
1211		240						48				
			306					66				
				226			Küche	75				Frankf. Küche
				395			Kammer	88				Haus-
				42			Bad	106				Zentralheizung
					9			130				u. Warmwasser-
									Im Bau			verföhrung
									Werte fehlen daher noch nicht felt			

O Bairro Económico Römerstadt situado em Frankfurt, foi construído em terrenos expropriados pela firma Mietheim A.G., durante o biênio 1927/8. O projecto do Bairro foi organizado pelo Eng.^o Ernst May em colaboração com a empresa de construção Boehm. O plano de edificação das habitações efectuou-se de uma maneira bastante uniforme. Na construção da estrada no «Ringmauer», colaboraram os arquitectos da firma BDA Schaupp; na estrada «Im Heidenfeld» foram os arquitectos da BDA Blattner; no bloco occidental de habitações da entrada sul do Bairro, na «Hadrianstrasse», cooperaram os arquitectos da BDA Franz Schuster e nas restantes partes colaborou o Eng.^o May que era funcionário da firma Architekt BDA C.-H. Rudolf.

16 — Ernst May e colegas, *Siedlung Römerstadt* em Frankfurt, planimetria, tipos de construção e tabelas comparativas (de «Das neu Frankfurt», 1928, n.ºs 7-8).

De resto, o episódio da Siemensstadt é apenas o mais clamoroso. Exceptuando o caso da Amsterdão planificada por Cor van Eesteren, entre 1930 e 1940 o ideal dos movimentos construtivistas europeus, que consiste em dar vida a uma *cidade de tendência*, entra decisivamente em crise.

Mas a crise é principalmente inerente à política urbanística duplamente desastrosa accionada pela social-democracia europeia. Enquanto tentativa de controlo dos movimentos de classe revela-se imediatamente contraprodente; e enquanto tentativa para demonstrar a superioridade de uma construção directamente gerida pelas organizações operárias e sindicais (a Dewog e a Gehag, na Alemanha), a cidade das Siedlungen mantém-se alheia aos processos de reorganização global do território produtivo.

Existe, no entanto, uma razão ulterior devido à qual o balanço da gestão social-democrática da cidade se salda em passivo. É o próprio modelo de intervenção baseado na *Siedlung* que faz parte de uma ideologia antiurbana global: uma ideologia que, se por um lado se entrelaça na jeffersoniana, por outro lado tem profundas raízes na tradição do pensamento socialista (mas não no pensamento de Marx: recordem-se as passagens sobre o significado político da grande cidade, no *Capital* e nos *Grundrisse*). Na base da reorganização urbanística conduzida por May e por Martin Wagner está o postulado da negatividade em absoluto da Grossstadt. A *Siedlung* é, portanto, um oásis de ordem, um exemplo de como se torna possível, através das organizações da classe operária, propor um modelo alternativo de desenvolvimento urbano, uma utopia realizada. Mas essa mesma *Siedlung* contrapõe declaradamente o modelo do «campo» ao da grande cidade. É Tönnies contra Simmel e Weber⁽⁷⁰⁾. A tecnologia renovada dos estaleiros de construção civil de Frankfurt, por Ernst May, insiste numa proposta globalmente anticidadina. Assim, naqueles bairros é legível a intenção de unir solidamente o desenvolvimento dos novos sistemas de produção na construção civil a uma organização fragmentada e estática da cidade.

O que não está parado. A cidade do desenvolvimento não aceita «equilíbrio» no seu seio: também a ideologia do equilíbrio se revela politicamente desastrosa.

Convém em todo o caso referir que as utopias antiurbanas têm uma continuidade histórica, que vai das propostas iluministas — e, a propósito, não se deve esquecer que as primeiras teorias anarquistas sobre a necessidade de uma «dissolução das cidades» surgem precisamente na segunda metade do século dezoito⁽⁷¹⁾ — à teoria da cidade-jardim, ao desurbanismo soviético, ao regionalismo da Regional Planning Association of America (RPAA), à Broadacre City de Frank Lloyd Wright. Do anti-industrialismo

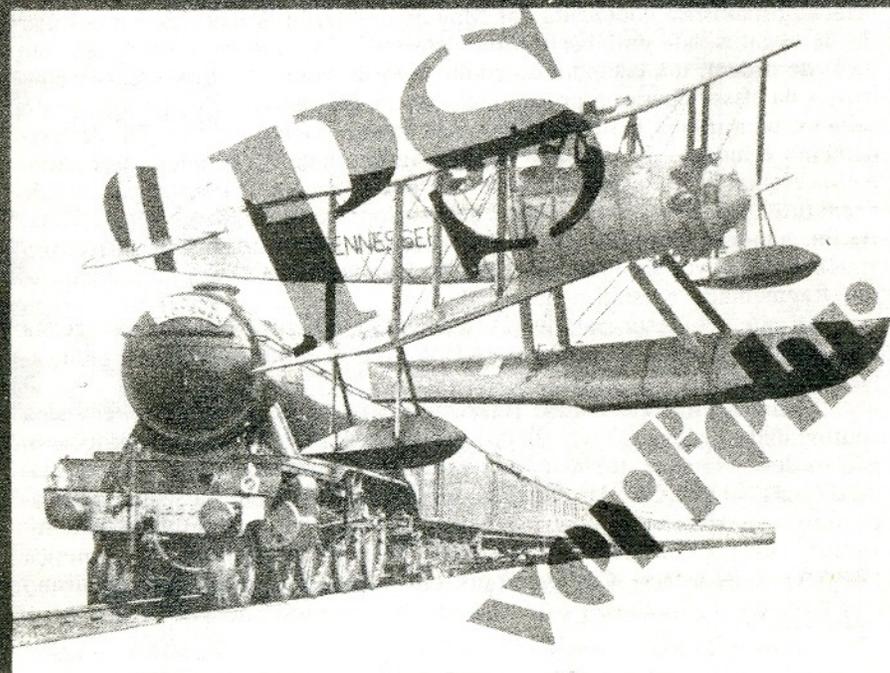
⁽⁷⁰⁾ O volume de Ferdinand Tönnies, *Gemeinschaft und Gesellschaft [Comunidade e Sociedade]*, é publicado em 1887, mas com a sua propaganda nostálgica à «comunidade originária», contra a sociedade organizada, exprime uma ideologia que será apropriada pela urbanística de entre as duas guerras, para além das tendências populistas dos anos 50.

⁽⁷¹⁾ Do máximo interesse, sobre esta matéria, é o volume de William Godwin, *Enquiry Concerning Political Justice*, Londres 1793, no qual o racionalismo iluminista é levado ao ponto de pro-

8

DAS NEUE FRANKFURT

MONATSSCHRIFT FÜR DIE PROBLEME MODERNER GESTALTUNG / 3. JAHRG. 1929



III JAHRGANG · JULI-AUGUST 1929

17 — Capa da revista «Das neue Frankfurt», 1929, n.ºs 7-8, dedicada aos transportes.

jeffersoniano, manifestamente influenciado pelas teorias fisiocráticas francesas, ao *Auflösung der Städte* de Bruno Taut, explicitamente referido ao pensamento de Kropotkin, ao modelo da Siedlung (herança de propostas oitocentistas), em Broadacre aquilo que se exprime é uma profunda nostalgia pela «comunidade orgânica» de Tönnies, pela seita religiosa alheia a organizações externas, por uma *comunhão de indivíduos* que não conheçam a angústia da alienação metropolitana.

É certo que a ideologia antiurbana se apresenta sempre com um rosto anticapitalista, quer se trate do anarquismo tautiano, quer do socialismo ético dos desurbanistas soviéticos, quer das libertinagens domésticas de Wright⁽⁷²⁾. Mas a sua revolta angustiada contra a «metrópole desumana», dominada pelo fluxo da corrente monetária, não passa, afinal, de nostalgia, de recusa dos níveis mais elevados da organização capitalista, de aspiração a regressões à infância da humanidade. E quando essa ideologia se insere numa perspectiva avançada de reorganização da construção residencial e de reestruturação territorial — como é o caso da RPAA⁽⁷³⁾ — está inevitavelmente destinada a ser reabsorvida e deformada pelas contingentes exigências das medidas anticonjunturais: a política territorial impulsionada pelo *New Deal* não satisfará as expectativas de Henry Wright, Clarence Stein, nem de Lewis Mumford.

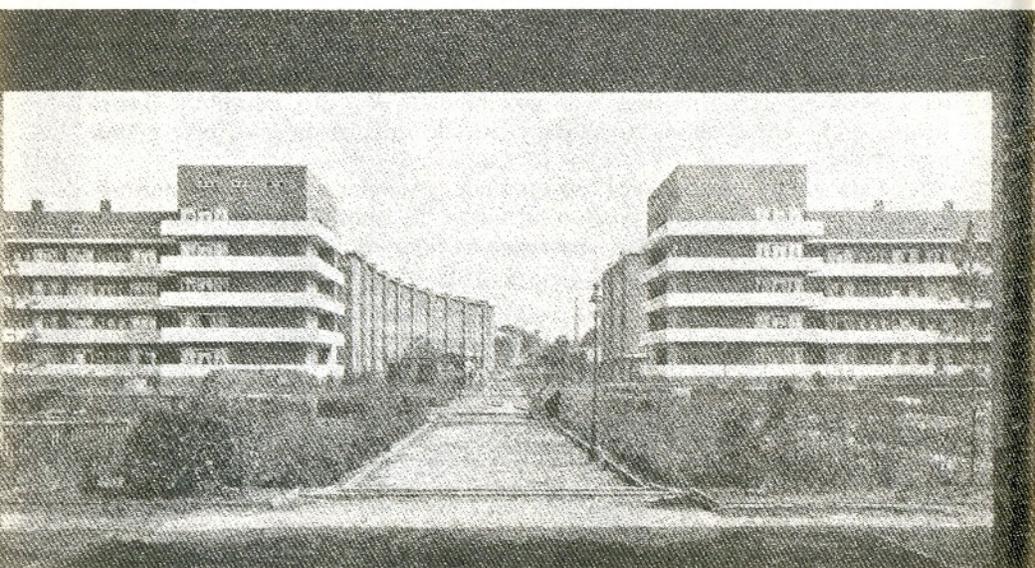
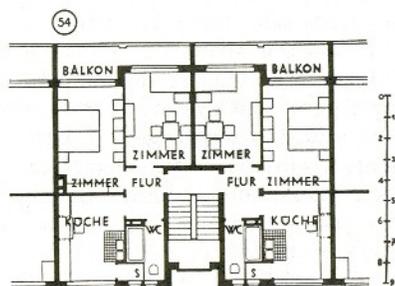
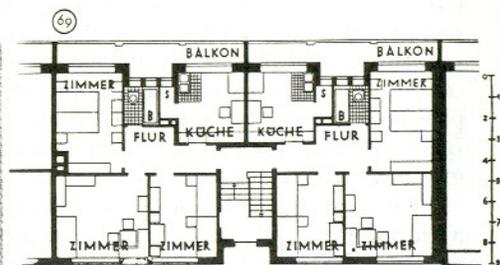
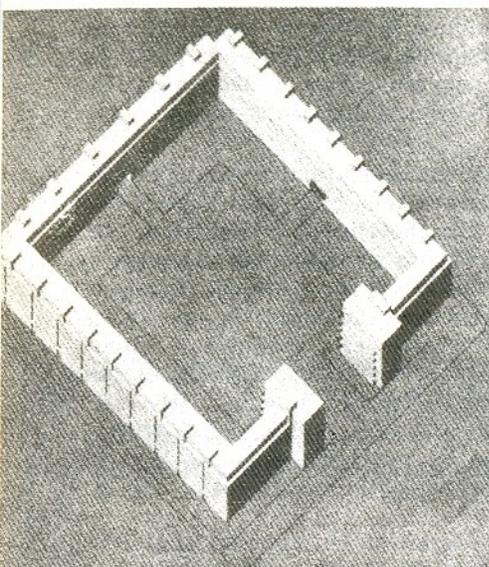
O modelo do «paese» articulado regionalmente — retomado após 1945 em Itália com explícitas tonalidades populistas — não subsiste perante a nova dimensão urbana subsequente aos novos níveis de organização produtiva. A aspiração à *Gemeinschaft*, à comunidade orgânica, não por acaso também tão viva no pensamento das esquerdas alemãs dos anos 20, está destinada a sucumbir, como hipótese sem possibilidade de êxito, perante a *Gesellschaft*, o elo impessoal-alienado da sociedade organizada *na e pela* grande metrópole.

Esta última, por sua vez, ao pretender estender a todo o território os seus modos de existência, coloca o problema da espiral desenvolvimento-desequilíbrio: as teorias do plano baseadas na hipótese do reequilíbrio — com

jectar uma sociedade na qual o estado é dissolvido e os indivíduos — guiados por uma *raison* autolibertadora — são reunidos em pequenas comunidades, privadas de leis e de instituições estáveis. Cfr. G.D.H. Cole, *Socialist Thought: the Forerunners (1789-1850)*, Macmillan, Londres 1925.

⁽⁷²⁾ Sobre a ideologia wrightiana da «wilderness» e da anticidade, cfr. Edgar Kaufmann jr., *Frank Lloyd Wright: the 11th Decade*, «Architectural Forum», CXXX, 1969, n.º 5; Norris K. Smith, *F. L. Wright. A Study in Architectural Content*, Prentice Hall Inc., Englewood Cliffs (N. J.) 1966; Reiner Banham, *The Wilderness Years of Frank Lloyd Wright*, «RIBA Journal», 1969, Dezembro, e principalmente Giorgio Ciucci, *Frank Lloyd Wright, 1908-1938, dalla crisi al mito*, «Angelus Novus» 1971, n.º 21, pp. 85-117.

⁽⁷³⁾ Sobre a actividade da Regional Planning Association of America, cfr. Roy Lubove, *Community Planning in the 1920's: the Contribution of RPAA*, University of Pittsburgh Press, Pittsburgh 1963, e Mel Scott, *American City Planning since 1890*, University of California Press, Berkeley e Los Angeles 1969. Sobre a actividade e sobre o significado histórico da RPAA, cfr. F. Dal Co, *Dai parchi alla regione*, in *La città americana dalla guerra civile al New Deal*, Laterza, Roma-Bari 1973, pp. 149 e segs.



18 — Karl Schneider, bloco residencial «Raum», na Jarrestrasse de Hamburgo, 1929. Em cima, axometria e tipos de construção; em baixo, fotografia do conjunto realizado.

as soviéticas à cabeça — acabarão também por ser revolucionadas após a grande crise de 1929.

A improbabilidade, a polifuncionalidade, a multiplicidade e a desorganicidade, em todos os aspectos contraditórios assumidos no seio da moderna metrópole terciária, mantêm-se assim alheias às tentativas de racionalização da arquitectura centro-europeia.